

## NARRAR O AMOR: REFLEXÕES SOBRE A CONTEMPORANEIDADE

Virgínea Novack Santos Da Rocha<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo discutir a representação do amor em *O livro de Praga: Narrativas de amor e arte* (2011), de Sérgio Sant'Anna, no qual, subvertendo a ideia romantizada do amor como virtude suprema entre duas pessoas, o protagonista envolve-se com diferentes personagens erótica e/ou sexualmente sem que haja qualquer vínculo mais permanente, revelando o momento de presentificação da nossa atual cultura. Para desenvolver tal discussão nos utilizamos dos apontamentos de filósofos e historiadores, como May (2012) e Rougemont (1988) que preocupam-se com a temática do amor e Bauman (2004) que atrela essa discussão ao cenário contemporâneo.

**Palavras-chave:** Amor, Amores Expressos, pós-modernidade, literatura brasileira contemporânea.

**Abstract:** This paper has as starting points the analysis and discussion of the representation of love in Sérgio Sant'Anna's *O Livro de Praga: Narrativas de amor e arte* (2011), perceiving contemporaneity as the specific time frame. It has the intention of reflecting about the mode and reasoning of the modification of this representation in literature throughout history until getting to the idea expressed today. Nevertheless, in order to evolve such discussion it was endeavored to reflect from the thoughts of philosophers and historians such as May (2012) and Rougemont (1988), who are concerned about the love thematic and lastly, Bauman (2004) who associates both discussions.

**Key words:** Love, Amores Expressos, postmodernity, contemporary Brazilian literature.

---

<sup>1</sup> Mestranda no programa de pós-graduação em Teoria da Literatura da PUCRS.

## INTRODUÇÃO

O projeto *Amores Expressos*, lançado em 2007 pelo produtor cultural Ricardo Teixeira (RT Features) em parceria com a editora Companhia das Letras, teve como objetivo levar escritores brasileiros a diversas cidades do mundo para que permanecessem por cerca de um mês e que, a partir da vivência nesse espaço estrangeiro, escrevem uma narrativa de amor ambientada na cidade. O projeto multimidiático envolvia, além da produção de uma narrativa de amor, um *blog*<sup>2</sup> e um documentário<sup>3</sup> sobre a experiência de escrita na cidade.

Desse projeto, entre outros<sup>4</sup>, é publicado *O livro de Praga: narrativas de amor e arte*, em 2011, do escritor Sérgio Sant'anna, o qual foi selecionado como objeto dessa discussão, uma vez que, a narrativa que se passa em Praga acaba, de certa forma, causando um certo estranhamento ao leitor que não encontra alguns lugares comuns das narrativas de amor consagradas na literatura. Tais lugares comuns são apontados por Schonarth e Gai (2005) “um dos temas que mais constituem enredos é o amor e os impasses que impedem a felicidade dos casais amorosos. Percorrendo caminhos sinuosos em busca da consolidação amorosa, os personagens, muitas vezes vistos como heróis, tropeçam em diversos obstáculos impostos pela moral da sociedade burguesa” (SCHONARTH & GAI, p.166, 2015), sendo que “ao trabalharmos com o tema do amor, já recorreremos, de forma inconsciente, a enredos essencialmente românticos, apaixonados e correspondidos” (idem, p.169).

Nesse sentido, um homem, que transita em meio as ruínas de si mesmo e da cidade, envolve-se, por meio da arte, a cada capítulo, com uma personagem diferente, sem que essas relações produzam qualquer tipo de construção que vise ao futuro, ou seja, o ideal romântico-consagrado até então pela literatura. No entanto, não há dúvidas. O que o leitor tem em mãos com *O livro de Praga...* é uma história de amor. Afirmamos isso a partir de dois pressupostos: a questão editorial (o próprio Projeto *Amores Expressos* que pressupunha uma narrativa de amor) e a questão narrativa (o próprio narrador que evidencia logo no início da narrativa sua função em Praga: escrever uma narrativa de amor). Dessa forma, questionamos aqui a relação entre a atual conjuntura cultural e histórica e a temática do amor em literatura.

2 Os *blogs* desenvolvidos durante o projeto continuam disponíveis na internet sendo que os três *blogs* referentes aos três livros que integram o *corpus* dessa pesquisa encontram-se na bibliografia.

3 Os 16 documentários de 22 minutos cada, produzidos por Tadeu Jungle e Estela Renner, foram exibidos em 2011 no canal TV Cultura e em 2013 no canal Arte 1. Atualmente, não estão sendo exibidos em nenhum canal de televisão e não se encontram disponíveis na internet. No entanto, por solicitação, os documentários foram disponibilizados por Tadeu Jungle para utilização nessa pesquisa, sob responsabilidade da pesquisadora.

4 Até o momento, com o selo da coleção, apenas dez livros foram publicados: *Cordilheira*, de Daniel Galera (2008), seguindo-se de *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (2009), *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, de João Paulo Cuenca, e *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron (os três publicados em 2010), e *O livro de Praga: narrativas de amor e arte*, de Sérgio Sant'Anna e *Nunca vai embora*, de Chico Mattoso (ambos publicados em 2011); *Diga a Satã que o recado foi entendido*, de Daniel Pelizzari, *Barreira*, de Amílcar Bettega, e *Ithaca Road*, de Paulo Scott (esses últimos publicados em 2013)<sup>4</sup>. Já se sabe que alguns textos não sairão com o selo da coleção como o da Cecília Gianette e de Adriana Lisboa<sup>4</sup>. Restando, portanto, ainda, a serem publicados, os livros de Antonia Pellegrino, Antonio Prata, Lourenço Mutarelli e Reinaldo Moraes.

## AMORES EXPRESSOS N’O LIVRO DE PRAGA

Pode-se dizer que o amor é único? Incondicional e duradouro? Embora exista uma ideia geral sobre o que seja o amor e como ele se apresente na literatura deve-se, porém, levar em consideração ao nuances da representação desse sentimento de acordo com a história e cultura de cada lugar. Atualmente, no entanto, o que se pretende aqui é, a partir de um apanhado geral, perceber de que formas a representação desse sentimento modificou-se para chegar à concepção apresentada por Cunha (2012) do termo que temos hoje:

Amor e erotismo; amor e sexualidade; amor e casamento; amor, perversão e intimidade: a extremamente ampla abertura do arco semântico da palavra “amor” comporta hoje acepções que incluem desde o sentido material da sensualidade, a de “fazer amor”, da fisicalidade e das pulsões sexuais, até a idealização de uma união entre corpo e espírito e, no limite, entre corpo e alma (CUNHA, 2012, p. 213).

Rougemont (1988), pensando historicamente sobre o tema, explica que na Idade Média, por volta do século XII, com a crise no casamento e o surgimento da “cortesia”, o termo “amor” passa a ter um sentido próximo ao que conhecemos hoje. Contudo, até antes desse período, ambos os termos [amor e casamento] não se relacionavam semântica ou socialmente – o casamento tinha desde sua origem outro intuito, o de manter a propriedade privada. O autor explica, ainda, que contemporaneamente desse “verdadeiro amor” original restaram apenas os impulsos sexuais esquecendo-se do sentido que esse “amor-paixão” uma vez que os códigos sociais que os sustentavam já foram perdidos.

Saimon May (2012), por sua vez, é mais pontual ao apresentar-nos as quatro maiores transformações do “amor”, ampliado do sentido de amor conjugal a todas as formas de amor, ao longo dos anos de acordo com o momento cultural de cada época.

A primeira seria em relação ao valor do amor, até o final do século V d.C., ou seja, o amor como virtude suprema que viria com a raiz de toda a virtude verdadeira. A segunda, do século IVd.C. até XVI d.C., seria a atribuição de um poder aos homens: o de amar. Nesse período, o homem tornava-se divino através do amor até alcançar a amizade com Deus. A terceira transformação, que surge do século XI e emerge no século XVIII, diz respeito ao objeto do amor: agora, um único ser humano poderia ser experimentado como corporificação do maior bem e ser digno de uma espécie de amor outrora reservada a Deus. A última transformação, do século XVIII até os dias de hoje, vai dizer respeito ao amante, que não se perde mais, mas se encontra. O amante torna-se foco do amor em tal maneira que o amado é quase excluído do quadro. May, contudo, já observa no século XVIII as origens de algumas características mais marcantes das relações na modernidade, como o individualismo e a centralidade no eu (eu-amante).

Já Bauman (2004), pensador do momento presente da nossa cultura, dirá ainda em seu livro *Amor líquido* que o amor está cada vez mais atrelado à realização física, ao ato sexual, isto é, a realização momentânea:

[...] a definição romântica de amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda [...] Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”: Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões de amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor” (BAUMAN, 2004, p. 11).

Pode-se, contudo, a partir do apontamento desses teóricos sobre o tema do amor, tanto histórico quanto filosoficamente, perceber que contemporaneamente o tema encontra-se diretamente ligado aos temas dos sexo/sexualidade e da centralidade no “eu” do amante. No entanto, em que pontos e de que forma a literatura acompanha esse movimento?

O livro de Praga: Narrativa de amor e arte (2011) de Sérgio Sant’Anna apresenta-se como um ponto de partida para essa discussão. A narrativa conta a(s) história(s) de Antonio Fernandes, um escritor brasileiro de passagem por Praga para escrever uma narrativa de amor. No entanto, ao contrário do que poderia ser esperado, como a história entre duas almas que tornam-se capazes de tudo, inclusive a morte, para alcançar esse amor, o narrador nos conta das suas labiríntica experiência pela cidade de Praga e seus encontros “amorosos” decorrentes desse constante caminhar.

No primeiro capítulo da narrativa o protagonista encontra Béatrice Kromnstadt, uma concertista contemporânea. A pianista, após muita insistência de Antônio, realiza uma apresentação particular para o escritor. Enquanto amor, sexo, corpo e dor se misturam o protagonista tem a possibilidade não apenas de contemplar a arte mas de dela ser parte, ou seja, sentimentos românticos são despertados, como no trecho “A música desperta fantasias sobre as quais se pode escrever, inclusive fantasias amorosas, ainda que de um amor platônico, da alma” (Sant’anna, p.14, 2011), porém, a partir da relação sexual, bem evidenciada pelo narrador como em “agarrou o meu pau duro, grosso e comprido como nunca, e puxou-me por ele até as teclas do piano (...) batendo com o meu cacete, energicamente, por todo o teclado, prosseguiu com as mutáveis Flores Mecânicas” (idem, p. 30). Dessa forma, como aponta Farinaccio (2012) “o apelo ao corpo, ao que tudo indica, responde à necessidade de situar a experiência artística no contexto dos novos meios de comunicação de massa e da atual onipresença da imagem técnica” uma vez que “a arte só se perfaz aqui mediante sua passagem pela materialidade do corpo humano, o que implica certamente a sua determinação sexual, bem como suas múltiplas possibilidades de gerar prazer e dor” (Farinaccio, p.115, 2012)

“A suicida” personagem do segundo capítulo é uma jovem, assim como a as demais mulheres apresentadas no livro. Ela é descrita como alguém que tem um “mal-estar da alma”. Giorgya Marai, uma húngara, estava na beira da Ponte Carlos prestes a cometer suicídio quando fala com Antônio sobre a possibilidade de ele também pular, enquanto ele pensava sobre os acordes do recém-presenciado poema sinfônico *O Maldávia* (mesmo nome do rio que passa por baixo da ponte). Giorgya é sempre apresentada com elementos pueris como no trecho “Havia algo de infantil nela, segurando o vestido molhado...” (idem, p.50)

assim como um ser frágil. “Aliás, ela não parecia em nada com uma prostituta, e uma profissional não se encontraria tão fragilizada.” (idem, p. 49) e “Ela era tão frágil e leve que foi fácil trazê-la ao solo” (idem, p. 45).

Antônio sempre se apresenta como um homem bom e respeitador; um “príncipe”, que faz de tudo para cuidar de Georgya, reforçando o estereótipo que auferia a inferioridade feminina no contexto da narrativa. No entanto, ele não é capaz de salva-lá, pois a moça, após a noite de envolvimento sexual, foge pela varanda do quarto e completa sua vontade da noite anterior pulando no rio Maldávia.

Nesse capítulo se dará a problematização da possibilidade de reprodução (da arte ou não) que vivemos e que nos leva muitas vezes quase ao descaso, como que, voltando ao capítulo anterior, exemplificando o que Andy Wahol apresenta refletindo a atual estado da sociedade, em que a arte está sendo “destruída” pelos veículos de massificação.

A cada capítulo que se segue evidencia-se cada vez mais essa sociedade de consumo em que as relações são baseadas na exploração e absorção do outro. Nesse sentido, como terceira narrativa, o capítulo “A crucificação”, narra o experiência de “amor” do protagonista com a estátua de Santa Francisca, que fica na Ponte Carlos. Nesse capítulo e no seguinte (em que o protagonista envolve-se com uma boneca) evidencia-se a indiferença entre relacionar-se com um ser animado ou inanimado, pois o que realmente importa ao protagonista é ele mesmo e o fato de ele estar disposto a amar, como apontou anteriormente May (2012), como expressão contemporânea do amor a centralidade do eu, sendo o sexo o meio de atingir esse amor.

“A boneca” é um dos capítulos mais intrigantes do livro, pois após assistir à peça *Aspects of Alice* Antônio [narrador e protagonista] encanta-se pela atriz que representa a menina-sombra, Gertrudes, e ao sair do teatro compra uma boneca que é a representação da personagem. Antônio afeiçoa-se de imediato a boneca levando o leitor – e a polícia de Praga –, por vezes, a questionar se se tratava apenas de uma boneca ou de uma menina real, como, por exemplo, no trecho “[Ela] oferecia ao tato uma textura muito macia, não apenas no traje que vestia, mas também na pele que toquei de leve. [...] E sentei-a na poltrona com o aprumo adequado de uma mocinha” (idem, p.85). Nesse capítulo o narrador-personagem retorna a sua infância e refere-se ao amor puro, primeiro amor.

No entanto, acaba reforçando a hipótese anterior da centralidade do eu uma vez que busca na sua memória formas de personificar essa boneca para que ela possa atender as suas expectativas, assim, como diz seu advogado “Só homens capazes de amar e envolverem-se como Franz Vert e você poderiam encenar tal amor num teatro de sombras, cada um a seu modo, trazendo o melhor da fantasia para a materialidade.” (idem, p.101) evidenciando também a relação com a arte (possibilidade de re-produção do real) que ambos tem.

O capítulo sobre a literatura, no qual um suposto texto inedito de Kafka para sua amante foi tatuado no corpo de uma jovem, mostra-se um dos mais enigmáticos, uma vez que Jana, a garota com o corpo tatuado, e Antônio não mantem relações sexuais mas, por meio da literatura de Kafka [verdadeira ou falsa], Antônio encontra-se em grande excitação sexual misturado a fruição artística em que o próprio protagonista não consegue estabelecer um limite, revelando, por vezes, o valor de mercado dessas relações “Não, literalmente não sou puta, pois a mercadoria que ofereço em meu corpo é um texto tatuado de Kafka

(idem, p.118; grifo meu)”. Nesse capítulo, deixa explícito que não teve seu desejo saciado, mas, ao mesmo tempo, enquanto deixava o pagamento pela exibição do corpo e leitura do texto Antônio afirma que “o desvelamento do corpo de Jana valera muita a pena, a minha retribuição era como uma declaração de amor e contentamento (idem, p.121)”.

Já no último capítulo em que Antônio envolve-se com alguma mulher, “a tenente”, é narrada a relação entre ele e essa mulher, a qual pode ser entendida como uma representação do poder do Estado. Markova, assim como as demais amantes de Antônio, é jovem. Nesse último capítulo, mostra-se interessante o fato de que a tenente apresenta o fetiche da submissão. Nesse sentido, o corpo de Markova apresenta-se como metáfora da cidade de Praga “Sim, eu nunca a esqueceria. E pensei que eu havia penetrado ainda mais nos segredos de Praga, na intimidade mesma da cidade, e estava muito feliz com isso” (idem, p.131).

Esses encontros, com Béatrice Kromnstadt, Giorgya Marai, Santa Francisca, Gertrudes, Jana e Markova, parecem ter por objetivo, além da fruição artística, o ato sexual não demonstrando, assim, qualquer intencionalidade de vínculo passado ou futuro com as demais personagens. Nesse viés de impossibilidade de conexão com o resto do mundo percebemos ainda que o narrador-protagonista em nenhum momento comenta sobre suas relações antes do presente, tempo da narrativa. Não apresenta nenhuma família ou alguém ele deva alguma forma de afeito. Seu único elo com um passado recente, antes de chegar em Praga, é seu patrocinador, que mesmo assim só relaciona-se com ele devido ao projeto e o qual ele chama quando tem maiores problemas a serem resolvidos, como seus problemas com a polícia ou que o recebe de volta em casa.

Dessa forma, essa narrativa parece estar em sintonia com o que aponta Resende (2008) como uma das características das narrativas contemporâneas “A primeira questão dominante que quero apontar é a presentificação, a manifestação explícita, sob formas diversas de um presente dominante no momento da descrença nas utopias que remetiam ao futuro, tão ao gosto modernista, e de certo sentido intangível de distância em relação ao passado.” (Resende, 2008).

Finalmente, no último capítulo Antônio reencontra seu chefe e mostra a boneca Gertrudes, que ele acabara de comprar no aeroporto botando a prova mais uma vez a fronteira entre realidade e ficção em sua história. O desfecho, ao contrário do que se poderia esperar enquanto realização do amor, não é a morte do protagonista – embora haja um suicídio durante a narrativa – mas “as narrativas de amor e arte” acabam por se tornarem “narrativas de sexo e morte” (Cunha, 2011, p. 115).

Voltando, assim, ao primeiro capítulo da narrativa com a chegada do narrador em Praga e com sua visita ao Museu Kampa para ver uma exposição do Andy Warhol chamada Disaster Relics, na qual – como sugere o título da exposição – apresentam-se “reliquias da destruição”, o narrador encontra gravado na parede a frase “mas quando você vê uma foto aterrorizante um monte de vezes (over and over again), ela acaba por não produzir nenhum efeito” (Sant’anna, 2010, p. 10). É nesse trecho que já se pode perceber como o autor relaciona-se (ou não) com o mundo à sua volta, pois algo que deveria provocar seus sentidos e seus sentimentos mais profundos acaba não provocando nada (se visto ou vivido) várias vezes, ou seja, uma expressa crítica a repetição da arte tão presente na obra de Andy Warhol aplicada nessa narrativa a esfera das relações interpessoais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, percebe-se que a representação do amor modificou-se desde que surge até o momento presente, sendo que hoje está atrelada, evidentemente, à impossibilidade de relacionar-se no mundo contemporâneo, pela própria situação do sujeito contemporâneo; em ruínas. Esses sujeitos em ruínas evidenciam-se nessa sociedade de consumo reflexo do capitalismo desenfreado em que as relações tornam-se cada vez mais efêmeras, uma vez que o objetivo não mais é o da ligação entre corpo e alma de duas pessoas, o que se acreditou por algum tempo ser o amor (amor cortês), mas o uso e absorção do outro para a realização do meu próprio desejo, da realização individual. No entanto, a partir do cenário da contemporaneidade, com a ampla possibilidade rapidez no acesso e divulgação das informações tanto a arte quanto o amor passam a objetos do imediatismo, desse modo, o sexo passa a ser a forma mais rápida e efetiva de atingir-se o amor. Sendo assim, amor e sexo unem-se para tornarem-se uma coisa só, os quais, por suas repetições (over and over again<sup>5</sup>), acabam não causando mais efeito algum.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo?** Trad. Vinicius Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CUNHA, João Manuel dos Santos. Enredados em Tóquio: voyeurismo e perversidade em *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*. **Nonada**, v. 19, p. 199-214, 2012.

\_\_\_\_\_. *O livro de Praga e as encenações de uma impossibilidade*. In: PEREIRA, Helena Bonito (Org.). **Ficção brasileira no século XXI: terceiras leituras**. São Paulo: Mackenzie, p. 93-122, 2013.

DALCASTAGNE, Regina. **Entre fronteiras e cercados de armadilhas: problemas de representação na narrativa brasileira contemporânea**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec. 2005.

FARINACCIO, Pascoal. Sérgio Sant'Anna - *O livro de Praga: narrativas de amor e arte* (resenha). In **Mosaicos – Revista de humanidades da UEMS**. Ano 08, N° 03. 2012.

MAY, Simon. **Amor: uma história**. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEREIRA, Helena Bonito. Exercícios críticos na contemporaneidade. In: PEREIRA, Helena Bonito Couto (Org.). **Terceiras leituras de ficção brasileira do século XXI**. São Paulo: Mackenzie, p.21-45, 2013.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI**. Rio de

<sup>5</sup> Referencia a frase presente na montagem da exposição de Andy Wahol citada no livro.

Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

ROUGEMONT, Denis de. **Amor e Ocidente**. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SANT'ANNA, Sérgio. **O livro de Praga: narrativas de amor e arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Blog do Sério Sant'Anna**. Disponível em: <<http://blogdosergiosantanna.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2010.

SCHONARTH, Luana Grasiela & GAI, Eunice T. Piazza. A temática do amor e os caminhos literários. In **Literatura e Autoritarismo**. Dossiê Literatura, Comparatismo e Crítica Social. Fevereiro de 2015.